



# O TESAURO CULTURAL MILITAR TERRESTRE

Francisco Ruas Santos

---

*A Defesa Nacional vem divulgando, em suas últimas edições, o trabalho realizado por Ruas Santos no "Centro de Informações Culturais", do qual é fundador e diretor. Considera ser esta uma forma de motivar o entendimento da importância de se modernizar o sistema de informações culturais do Exército, em consonância com a época que vivemos.*

*No presente trabalho, é enfocado o Tesauro Cultural Militar Terrestre — assunto novo no leque das preocupações da Força, e como tal, segundo o autor, de lenta assimilação.*

---

**E**m o nº 736, Mar/Abr 1988, desta Revista, sob o título "A Significação do Tesauro na Pesquisa Histórica", apresentamos o moderno instrumento de pesquisa básica em qualquer área do conhecimento humano, denominado *tesauro* (aportuguesamento do termo latino *thesaurus*, tesouro). Encerrando a apresentação, ficou dito que no Centro de Informações Culturais (Rua do Catete, 311, sala 711, tel. 237-0146) os

interessados no assunto poderiam conhecer vários tesouros.

Aqui vamos apresentar o *Tesauro Cultural Militar Terrestre*.

Primeiro um breve histórico.

Como se sabe, as atividades de História no âmbito do Exército estão reguladas por diretriz do Estado-Maior do Exército (EME). Nessa diretriz admite-se a existência de um sistema de informação cultural militar terrestre, integrado pelos órgãos de documentação do

Exército, principalmente o Arquivo Histórico do Exército, a Biblioteca do Exército e o Museu Histórico do Exército. A finalidade última ou principal de um sistema de informação é a *produção de informações*. Pragmaticamente essa produção deve ser a de *informações necessárias* aos usuários do sistema.

Pela mesma diretriz, as *informações necessárias* são as que permitem o *desenvolvimento da doutrina militar terrestre brasileira*, sua correção ou atualização, e as que contribuam para a *melhor formação dos quadros e da tropa*, tal a moral, com o levantamento dos valores morais através da nossa História Militar.

Há outras informações necessárias mencionadas naquela portaria. Mas, além das informações necessárias ou normais, pode ocorrer a necessidade imediata ou urgente de informações imprevisíveis.

Foi esse o caso do envio de um batalhão em 1956, para compor a Força de Emergência das Nações Unidas na área de Suez (Batalhão Suez). Devia a 5ª Seção do Estado-Maior do Exército propiciar-lhe informações histórico-geográficas que, pelo menos, iniciassem esse batalhão no conhecimento daquela área. O sistema de informação cultural militar terrestre de pouco dispunha, recorrendo, a 5ª Seção, ao sistema de informação norte-americano. Tudo isso em cerca de um mês apenas.

Se, então, houvesse bancos de

dados inerentes aos dois sistemas referidos, a obtenção das informações necessárias imprevistas teria ocorrido em algumas horas. Essa incrível redução de tempo é basicamente explicada porque, existindo um tesouro, as informações existentes nos bancos de dados estariam estruturadas ou arrumadas segundo o emprego ou a previsão de emprego de uma força terrestre (informações geográfico-militares, psicossociais, principalmente, militares, tal, por exemplo a motivação para o combate de árabes e judeus na área de Suez).

Em 1956, para a relocação de documentos possivelmente suportes de informações necessárias ao Batalhão Suez utilizaram-se cabeçalhos de assuntos muito genéricos, exigindo pesquisa básica para o levantamento dessas informações, coisa que um tesouro hoje dispensa, pois os órgãos de documentação do Exército as teriam levantado cumprindo sua missão prioritária.

De passagem, registremos que, em 1987, em convênio com a Biblioteca do Exército, o Centro de Informações Culturais ali realizou uma reciclagem de bibliotecárias para habilitá-las a levantar informações necessárias previstas na mencionada diretriz do EME, utilizando um microtesouro que a atendessem.

Nessa portaria a previsão é a de que o Exército viesse a dispor de um glossário, vocabulário ou terminologia que satisfizesse as ne-

cessidades a atender pela pesquisa básica histórico-militar.

Eis porque o EME patrocinou projeto a ser desenvolvido no âmbito da Biblioteca do Exército, há cerca de seis anos atrás, entregue ao Centro de Informações Culturais. Cerca de um ano depois, estava elaborada a versão preliminar do *Tesouro Cultural Militar Terrestre*, a qual em 1987 foi redatilografada em seus nove volumes, com aproximadamente 2.000 laudas, praticamente só de tabelas e listas de termos.

O trabalho se decompõe nos seguintes corpos: *doutrinário, de tabelas de assuntos do nosso Exército, de terminologia de História Militar Geral e História Militar Terrestre*, ou, por outras palavras, *corpo conceitual, de História Militar Geral e de História Militar Terrestre*.

No corpo conceitual foram consolidados todos os manuais de terminologia necessários (do Estado-Maior das Forças Armadas — EMFA e do Exército, inclusive glossário da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército — ECEME).

No corpo referente à História Militar Geral estão todas as guerras já documentadas da Humanidade, desde 4.000 anos antes de Cristo até a Guerra das Malvinas (1982).

No corpo relativo à História Militar Terrestre (Brasil), todos os principais fatos das nossas forças terrestres (do século XVI ao atual).

Basicamente, portanto, *são de-*

*zenas de milhares de termos* que, na prática, delineiam o *tamanho da nossa ignorância* inerente ao conhecimento que precisamos ter da História Militar Terrestre, especialmente a do Brasil.

Como não pode haver História Militar Científica sem dispormos de conceitos bem estabelecidos, o tesouro apresentado, pelo seu corpo conceitual ou doutrinário, é *instrumento indispensável* a recorrer, tanto na pesquisa básica, quanto na aplicada, para atingir-se a *verdade* quanto a fatos e vultos históricos militares. É, ainda, o *Tesouro Cultural Militar Terrestre* fator *imprescindível para a conversão* da nossa historiografia militar terrestre de predominantemente *ensaística* em *precisa*.

A Biblioteca do Exército, no final de 1987, distribuiu ao EME, à ECEME, ao Arquivo Histórico do Exército, principalmente, um exemplar do *Tesouro*, a fim de que, pela aplicação, fosse sua edição preliminar conhecida, completada e atualizada. O Centro de Informações Culturais entregou o trabalho inicial ao Diretor do Museu Histórico do Exército, para que ali integrasse também o seu acervo museológico.

Pelas primeiras reações levantadas pelo Centro de Informações Culturais, confirmam-se as suas previsões de que o trabalho não seria inicialmente encarado com as características que temos procurado tornar conhecidas no âmbito das nossas organizações culturais,

em especial as não enfronhadas em *Ciência da Informação*.

Pela nossa observação constante sobre atividades do campo cultural brasileiro, a conclusão é a de que estamos terrivelmente subdesenvolvidos ainda, numa contradição gritante com a atitude triunfalista de sermos a 8ª economia do mundo. Relativamente à nossa posição em desenvolvimento cultural talvez seja expressa em três dígitos...

Assim, por exemplo, no caso da pesquisa histórica, as disciplinas auxiliares são as de quarenta anos atrás, muitíssimo enriquecidas com outras, como a Epistemologia, a Ciência da Informação, em especial a Teoria da Informação e a Ciência da Computação.

Por falar em Epistemologia, o tesouro, no caso da História, é a sua feição visível, dado que organiza, com precisão, o conhecimento histórico relativo não só à História Geral, como, e principalmente, a cada História Particular, tudo num todo abrangente, que poderíamos muito bem qualificar de feição visível da História (do Brasil).

Quando se pensa em processamento eletrônico de dados, mais se confirma a imprescindibilidade do emprego dos tesouros. Isso porque, sendo a Informação multifacetada e com facetas inter-reagentes, ela só pode ser cientificamente reconstituída se tivermos um *guia* que, tal qual em certas vinhetas da televisão, permita, num tocar de tecla de terminal de banco de da-

dos, obter, numa visão completa, o fato histórico que nos interessa, em questão de segundos.

Tal jamais seria conseguido com os termos "quadradões" dos sistemas de classificação convencionais.

*Vista a relação tesouro-domínio de fontes históricas, é ele o instrumento capaz de convertê-las em microinformações, de onde iremos formar o conjunto das informações que nos são necessárias em todos os casos possíveis ou imagináveis.*

*Ora, se dominarmos as informações, em pesquisa básica, ficaremos livres para pensar ou criar.*

Assim, os "memorizadores" e "eruditos" serão substituídos pelos bancos de dados gerados através de tesouros cada vez mais abrangentes. Ou a erudição elitista não terá mais cabimento. Aí talvez a explicação sociológica para o fato de a *idéia nova* de tesouro ainda estar muito longe da aceitação no âmbito da Cultura Brasileira: ela ameaça o poder, ou melhor, o falso poder (Informação num dos seus conceitos válidos é Poder), de pseudo-elites.

Mas como a informatização da sociedade é fatal, e o tesouro lhe é indispensável, podemos afirmar que este ficará vitorioso. A questão está em apressar essa vitória fatal, pois assim o exige o nosso desenvolvimento cultural, para que sejamos também a 8ª potência cultural do Mundo.

Para concluir, um pequeno re-

gistro histórico: a idéia e a prática de tesouro foram introduzidas em nosso país há cerca de quinze anos atrás, através da atuação de especialistas estrangeiros, em atividades de ensino e demonstrações. O Centro de Informações Culturais teve a sorte de com alguns deles privar e assimilar, desde sua fundação em 1974, o que eles ensinavam. Como não podia deixar de ser, arregaçou as mangas e trabalhou nos anos subseqüentes na elaboração de tesouros para a Cultura Brasileira e assuntos subordinados a ela, por exemplo, os microtesouros para o complexo "Negros e seus Mestiços e Cultos Afrobrasileiros", com vistas ao centenário da Abolição). Em sua sede podem ser consultados, com as explicações necessárias.

No caso particular do Exército, a assimilação da doutrina moderna sobre tesouro, por parte deste Cen-

tro, levou à superação do *Sistema de Classificação de Assuntos de História das Forças Terrestres* que o autor deste artigo elaborara quando na presidência da Comissão de História do Exército, do Estado-Maior do Exército. Essa superação consistiu, principalmente, no desenvolvimento astronômico desse sistema na forma do *Tesouro Cultural Militar Terrestre*, que elaboramos e aqui apresentamos. Pragmaticamente foi um processo cibernético, confirmando aquilo que geralmente se sabe: a Cibernética é irmã gêmea da Informática.

"Indo no popular", daquele personagem de televisão, aquele sistema é um brinquedinho de criança perante o *Tesouro* apresentado... Como estamos adultos, recolhamos o *Sistema de Classificação* ao museu das nossas lembranças infantis...



**Cel Inf R/1 FRANCISCO RUAS SANTOS** – É possuidor de todos os cursos do Exército, além do Curso Avançado de Infantaria, realizado em Fort Benning, EUA, e da Escola Superior de Guerra, Rio de Janeiro. Presidiu a Comissão de História do Exército Brasileiro, do Estado-Maior do Exército, responsável pela edição *Histórica do Exército Brasileiro (1972)*. Nessa função, idealizou o Centro de Documentação do Exército em 1973. Fundou e dirige o Centro de Informações Cultu-

rais, do Rio de Janeiro. Desde 1974 dedica-se ao estudo dos sistemas de informações, tendo publicado o *Thesaurus do Sistema de Informações de Transportes (1976-1977)* e *Informação e Indexação*.